

EDITOR PROP: JOÃO JOSÉ DA SILVA

História de Zé Mendonça o Sertanejo Valente



O SERTANÊJO VALENTE

Quando os senhores de engenho
matavam por distração
botavam gente em fornalha
sem dó e sem compaixão
deu-se um caso interessante
no Engenho Lageirão.

Era o dono dêste Engenho
o coronel Piancó
era um coração de Nero
um gênio de Faraó
ruim que só a desgraça
malvado de fazer dó.

Se um sujeito tirasse
uma cana no partido
êle mandava açoitá-lo
até deixá-lo moido
ou jogava na fornalha
para deixar derretido.

Quando não fazia isto
punha outro embaraço
o cabra chupava a cana
mas engolia o bagaço
um litro de caldo quente
botava no espinhaço.

Para dar surra êle tinha
dez ou doze empregados
no Engenho tinha um açude
com 3 mil metros quadados
ali jogavam os cadáveres
dos pobres assassinados.

Valente

Quem tirasse uma colher
de mel de dentro do tachão
apanhava duas horas
com uma enorme borracha
depois ia pra fomalha
tornava-se o corpo em graxa

Por uma cula de caldo
êle sangrava um cristão
todo povo tinha medo
do engenho Lageirão
o coronel Piancó
não era gente era o cão.

Um pobre pai de família
naquêle engenho chegava
com 3 ou 4 filhas meças
êle a tôdas deflorava
e depois matava o pobre
e no açude jogava

Umaz cento e tantas moças
já havia deflorado
e quem falasse morria
ou na falta era jogado
na fomalha do engenho
era o mesmo resultado.

Os vizias do engenho
eram ruins e malvados
como Cingo e Verutídio
que de Herodes eram empregados
fazendo do rei perverso
os mais horríveis mandados

O coronel Piancó
na Europa mandou buscar
um cão raçado com lóbo
valente de admirar
o muro da casa grande
êle à noite vigiar.

Ensinou logo ao cachorro
fazer o que êle mandava
pois o cachorro partia
quando um cristão passava
no espinhaço do cabra
pois o cachorro mijava.

Quando o cachorro vinha
era para estraçalhar
o coronel Piancó
de lá pegava a gritar
--êle é assim mas não morde
se baixe êle quer mijar.

O sujeito se baixava
se escorava em um braço
o cão levantava a perna
sem o menor embaraço
e daquêl miserável
mijava o espinhaço.

Se o sujeito falasse
era logo estrangulado
pois o cachorro era grande
e além disto malvado
o cabra saía quieto
com o espinhaço mijado.

Porém existe um provérbio
o qual de muito valor
que um dia é da caça
o outro é do caçador
o diabo quando não vem
manda sempre um portador.

Deixo o senho do engenho
a horrorosa serpente
fazendo perversidade
no engenho com toda gente
pra falar em Zé Mendonça
um sertanejo valente.

Dos encostos de Bulque
o José Mendonça era
um coração de serpente
natureza de pantera
não tinha medo de nada
era quase a mesma fera.

Era um cabra sarará
tinha o nariz de taboca
o rosto largo e comprido
o cabelo de tatoca
dêstes que venio o barulho
sem ser com ele emboca.

Umaz 4 ou 5 vezes
atirou em lampeão
porém uma grande crise
acarretou o sertão
Zé Mendonça foi ao sul
só para ganhar o pão.

Preparou a sua maça
porque se viu obrigado
botou o punhal na cinta
e o revólver de lado
e para a costa euleira
seguiu bastante animado.

Resolveu deixar uns dias
o seu amado sertão
saiu por ali abaixo
pronto pra ganhar o pão
e desta vez foi parar
no engenho Lageirão.

Zé Mendonça já abatido
pois a fome era tirana
ai entrou no partido
tirou uma grande oana
muito bonita e madura
da qualidade catana.

Descascou-a e foi chupar
satisfeito e descansado
nem na metade ele estava
ouveu um grito danado
dizendo: quem lhe deu ordem
cabra bandido safado.

Justamente era o vigia
do engenho Lageirão
com um punhal na cintura
um rifle grande na mão
Zé Mendonça perguntou
—o que é isto patrão?

Disse o vigia: levante-se
cabra atrevido e safado
para engulir o bagaço
e para engolir calado
depois levar uma surra
do lombo ficar rachado.

Ele olhou para o vigia
e começou a sorrir
disse o vigia: não brinque
o negócio é de encardir
Mendonça disse: demore
depois eu vou engolir.

Mendonça ali levantou-se
pertinho d'ele chegou
dizendo: patrão acalme
me diga quanto custou
o vigia descuidou-se
Mendonça o aberturou.

Tomou-lhe logo o punhal
o rifle caiu no chão
Mendonça o derribou
dentro de um grutilhão
amarrrou-o e disse: não grite
que furo-lhe o coração,

Cortou uma cana prêta
desta dura de tinir
descascou-a e botou perto
aí começou sorrir
dizendo: o bagaço desta
o senhor vai engolir.

O vigia pra não morrer
foi o bagaço engolindo
era a lágrima vertendo
sangue da bôca saindo
e o punhal de Mendonça
pelo bucho se eumindo.

Engoliu todo bagaço
que havia por ali
Mendonça ainda cortou-lhe
uma orelha a perci
deu-lhe uma surra e disse-lhe
—dane-se cabra daqui.

O vigia pegou a reta
para o engenho não voltou
era tarde e com pouco
a noite se aproximou
pelo pátio da fazenda
Mendonça velho passou.

Na frente da casa grande
ele ouvir um cão ladrar
partiu pra pegar Mendonça
mas Mendonça ouviu gritar
—ele e assim mas não morde
se abaixe ele quer mijar.

Mendonça ali abaixou-se
e esperou pelo o cão
o cão chegou pra mijar
tomou logo possião
Mendonça aí empurrou-lhe
o punhal no coração.

Com a grande punhalada
logo morto o cão caiu
para o partido de cana
Mendonça se dirigiu
e por lá passou a noite
até que o dia surgiu.

Quando os trabalhadores
botaram para moer
Mendonça viu a fumaça
pelo ar se estender
aí disse: está na hora
eu um caldinho vou beber.

Aí entrou no engenho
mais ou menos preparado
com o punhal na cintura
o chapéu um pouco quebrado
o matulão de uma banda
vermelho que ia danado.

Aproximou-se da bica
uma cuia ali tirou
encheu de caldo e bebeu
de novamente tomou
ficou o resto na cuia
na mesma taxa jogou.

Depois voltou pras moendas
deu a devida atenção
fez um cigarro e fumou
porém não houve um cristão
que ali dissesse nada
conheceu que era um cão.

Mendonça olhou para o povo
disse desdenhosamente
—o senhor de engenho daqui
dizem que é homem valente
o povo ficou calado
não falou um só vivente.

Neste momento chegou
um tal de Natanael
dizendo: ontem a noite
deu-se um drama cruel
um cabra matou a ferro
o cachorro do coronel.

Se uma pessoa disser
quem foi que matou o cão
ganha dois centos de réis
e tem mais um anelão
um emprêgo no engenho
a sua satisfação.

Mendonça olhou para o cabra
e perguntou: é verdade
o cabra disse: é um fato
Mendonça sem novidade
disse: eu vor ganhar o ouro
que tenho necessidade.

Dirigiu-se à casa grande
chegou na porta e bateu
o coronel saiu logo
nem o bom dia lhe deu
—o que o senhor deseja
Mendonça aí respondeu.

É certo que o coronel
dá a qualquer cidadão
dois contos de réis novinhos
além disto om anelão
à pessôa que disser
quem foi que matou o cão?

—Don e foi logo buscar
e na mão dêle botou
—quem motou o cão fui eu
Mendonça lhe retrucou
—se quiser alguma coisa
às suas ordens estou.

O cachoro veio mijar
no meu lombo eu lhe dei fim
se quizer tomar vingança
se sacuda e venha a mim
meu lombo não é pinico
pra miço do gozo ruim.

O coronel respondeu-lhe
—isto não é prejuízo
quero é que fique comigo
com tôda calma lhe aviso
um homem como o senhor
no meu engenho eu preciso.

Pediu café e tomaram
Mendonça o cobre guardou
uma casinha asseada
êle a Mendonça entregou
por vaqueiro da fazenda
Joé Mendonça ficou.

Todo o povo soube logo
do vigia ao bagaceiro
e a negrada dizia:
—o Mendonça é cagaceiro
o coronel vai achar
tampa para o tabaqueiro.

Mendonça montava bem
no outro dia trouxeram
um cavalo saltador
dizendo: é bom e lhe deram
ficaram esperando a queda
e a olhar se puzeram.

Mendonça mostrou-se logo
no cavalo ventania
o cavalo deu 3 saltos
Mendonça velho dizia:
—salta que eu vou te mostrar
por onde é que a gata mia.

Firmou-se em cima de sela
e arroxou-lhe a espora
e o cavalo saltou
mais ou menos uma hora
quando deixou de saltar
o fato estava de fora.

Mas Mendonça não caiu
furou a satisfação
o povo todo dizia:
—o sertenejo é o cão
onde encontrava pegava
era uma admiração.

Zé Mendonça tomou conta
de uma grande vacaria
o coronel satisfeito
a todo mundo dizia
—eu tenho no meu engenho
um cabra de garantia.

Mendonça tinha coragem
que dava pra seis ou sete
porém dizia ao povo
—comigo ninguém cachete
aqui ocôlá estava
com o cabra no bofete.

Um dia foi tirar leite
quando no curral entrou
uma turina valente
contra êle se botou
por uma felicidade
José Mendonça escapou.

Aí meteu-lhe o revólver
a vaca calu no chão
no mesmo instante morreu
com o tiro no coração
um irmão do coronel
veio tomar satisfação.

Partiu pra José Mendonça
feito uma fera assanbada
Mendonça negou-lhe o corpo
e deu-lhe uma cassambada
pegando o ouvido esquerdo
que foi horrível a pancada.

O sujeito inda roncou
quase uma hora no chão
o coronel Plancó
chegou nesta ocasião
com sua espôsa e o povo
acalmou toda questão.

José Mendonça ficou
no engenho Lageirão
querido do coronel
porque era valentão
e da vaca que matou
êle não deu um tostão.

O coronel Plancó
criava uma molequinha
já estava com 15 anos
era muito bonitinha
Mendonça viu a moleca
achou muito engraçadinha.

A molequinha também
de Mendonça se agradou
pegaram num chôro baixo
Mendonça velho noivou
o coronel soube logo
porém calado ficou.

E assim continuaram
foi aumentando o namoro
Zé Mendonça era destes
que não tem pena do couro
bala pra êle era prata
punhal pra êle era curo.

Já fazia 4 meses
que ele tinha noivado
não falava em casamento
porque havia formado
um plano muito certo
por isso estava calado.

Dai a pouco a negrinha
grávida se apresentou
o coronel quiz matá-la
mas a mulher não deixou
ele pra José Mendonça
logo um recado mandou.

Mendonça mandou dizer
que estava muito ocupado
o coronel fôsse lá
se estivesse velhado
o coronel nesta hora
da raiva ficou manchado.

Foi onde Mendonça estava
chegando lhe disse assim:
—Zé Mendonça você fez
um papel muito ruim
Zé Mendonça interrogou
dizendo: veio dar em mim?

O coronel disse: não
porém preciso acertar
porque com a molequinha
você precisa casar
Zé Mendonça disse: eu caso
se o senhor me pagar.

Precisa o senhor me dar
dois contos de réis primeiro
manta, chapéu, uniforme
tudo pronto e prazenteiro
um par de sapato bom
feito no Rio de Janeiro.

O coronel disse: eu dou
tudo com acabamento
os dois contos lhe deu logo
sem haver constrangimento
foi para casa acertar
o dia do casamento.

Assim que chegou em casa
o que faltava arrumou
no outro dia cedinho
ele ao juiz avisou
o dia do casamento
com o juiz acertou.

Depois falou com Mendonça
e deu-lhe tudo afinal
chapéu, camisa e gravata
sapatos cor natural
uma roupa muito chique
bem feita e de tropical.

Além de dois contos que
já a ele havia dado
deu mais 200 cruzeiros
Mendonça viu-se arrumado
porém dizia. eu te ajeto
deixa eu tenho bom guardado

Quando Mendonça se viu
com dinheiro e roupa chique
disse sorrindo sozinho
—quem estiver grávida que fique
o sertão está chovendo
eu vou visitar Buique.

Primeiro fez uma carta
com muita calma sozinho
dizendo: seu coronel
eu vou-me tenho um cobrinho
o senhor criou a negra
também cria o molequinho.

Quem gosta de negro é onça
e eu estou descansado
não vou chegar em Buique
com uma negra de lado
e além de tudo isso
com o bucho desmantelado.

No mala eu findo o assunto
vou embora o senhor fique
já arrumei o dinheiro
e mais uma roupa chique
se quiser falar comigo
dê um saltinho em Buique.

Assinou-se Zé Mendonça
o sertenejo valente
botou mais uma pilhéria
na carta perfeitamente
dizendo: eu vim no engenho
pra tirar raça somente. Fim

Atenção!

Aviso aos senhores revendedores de livros populares da Bahia, que mantenho aí um forte agente, afim de bem servi-los.

Por isto peço áqueles que moram ou passam na Bahia, que visitem Redolfo Coêlho Cavalcanti Rua Alvarenga Peixoto 158-Liberdade-Salvador-Bahia.

Já em Pernambuco aquêles que não podem vir à Capital, não deixem de visitar Carnarú e procurar fazer suas compras com Joaquim Martins de Athayde.

Rua São Miguel 172-que serão zelosamente servidos.

RECOMENDAÇÕES DO SEU AMIGO

João José da Silva

RUA DE SANTA RITA 217

Recife Pernambuco.